

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO

A MINA

“Um retrato do passado recente do nosso país”

ANDRÉ AMÁLIO

Foi apenas em 2018 que tivemos conhecimento de um dos maiores crimes ambientais realizados em Portugal. Em 2001, nos terrenos das antigas minas de carvão de São Pedro da Cova, foram depositados milhares de toneladas de resíduos tóxicos provenientes da Siderurgia Nacional da Maia. Passaram-se quase vinte anos desde a denúncia desta situação. A maior parte dos resíduos já foi retirada, mas o processo de remoção ainda não foi concluído. O espectáculo *A Mina* coloca em palco diferentes gerações, que falam do passado histórico mineiro de 170 anos de exploração do carvão e dos actuais problemas ambientais, refletindo sobre o espaço traumático que é esta mina nas vidas e histórias desta população e cujo impacto negativo permanece, agora transfigurado na forma de crime ambiental. Os crimes ambientais marcam cada vez mais a nossa actualidade, muitas vezes com um impacto enorme, e estes casos revelam a dificuldade de encontrar os culpados, deixando as populações muitas vezes sozinhas a ter de lidar com o problema.

Ao chegar a São Pedro da Cova, encontrámos um enorme orgulho no passado mineiro, misturado com a necessidade de denunciar tudo o que ali aconteceu. Mas a identidade daquela terra e daquelas pessoas está intimamente ligada àquelas minas, à nomenclatura mineira, como o gasómetro, o fundo da mina, a jaula, o cavalete, a pica, a marca, a vagona, as britadeiras, etc. Uma identidade ligada àqueles trabalhos duros e à sobrevivência daqueles tempos. Lembro-me, por exemplo, de num ensaio a Maria Vicente comentar: “Era um trabalho duro, mas era o nosso trabalho.” Este projecto permitiu-nos conhecer todo este universo, ainda desconhecido da maior parte dos portugueses, com as especificidades e problemas do trabalho mineiro, os seus riscos, as suas mortes por acidentes de trabalho, as suas doenças profissionais, o trabalho dos homens, o trabalho das mulheres. Recordo a mesma Maria Vicente, em conversa com o marido: “O vosso trabalho era duro, mas o nosso também era.”

Quando começámos a conhecer as pessoas de São Pedro da Cova, parecia que todas vinham de uma família mineira, ou era o pai que era mineiro, ou a avó britadeira, ou o tio enchedor, e todas tinham uma história para contar. Numa das entrevistas, alguém nos contou como, em criança, o espaço das minas era o seu lugar de brincadeiras e, pelas palavras dele, percebia-se que aquelas minas eram também um lugar mágico, com centenas de pessoas ali

a trabalhar, carvão a seguir pela zorra (carro eléctrico de mercadorias), ou nas cestas do teleférico que leva o carvão ao Porto, ou em carros de bois, os mineiros a trabalhar no fundo da mina em galerias com quilómetros de comprimento, a jaula a tirar o carvão ininterruptamente.

A história das minas de São Pedro da Cova é feita de várias camadas, dos mineiros, dos patrões, dos empregados de formação superior, da história do carvão, das necessidades energéticas do mundo e da exploração laboral. O trabalho do mineiro era duro mas, numa altura marcada pela ausência total de direitos laborais, o mineiro até podia parecer um privilegiado, porque se viesse de fora era-lhe dado um sitio para dormir, se fosse casado tinha direito a uma casa, a serviço médico, havia uma farmácia, uma cantina onde os empregados podiam comprar primeiro e pagar depois... Mas, quando se olha com atenção, descobre-se uma das empresas mineiras que, em Portugal e na Europa, menos interesse tiveram na saúde dos seus trabalhadores ou nas suas responsabilidades sociais.

Numa entrevista com um empregado de nível superior da companhia das minas, ele falava dos mineiros como arraia-miúda e esta expressão acaba por significar uma normalização da desigualdade e da violência a que todos estes trabalhadores estiveram sujeitos. Desta forma foi possível obrigar os mineiros a trabalhar mesmo estando gravemente doentes, forçados a ferirem-se ou a mutilarem-se para terem direito a uma baixa médica. E esta normalização da violência acaba por estar presente em várias situações e lugares do Estado português antes do 25 de Abril.

Através das histórias das pessoas de São Pedro da Cova conseguimos fazer um retrato do passado recente do nosso país: da desigualdade, das relações laborais na época do fascismo e do período revolucionário (quando uma parte da população de São Pedro da Cova decide ocupar os escritórios das Minas e formar o CRM – Centro Revolucionário Mineiro), até à entrada na democracia e à chegada de um mundo que não sabe ainda o que fazer com os resíduos perigosos que sobram de décadas de exploração industrial.

Texto escrito com a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.



Direito a respirar: para um futuro inventário de cuidados

LILIANA COUTINHO*

2022: o Tribunal da Relação do Porto declarou como prescrito o processo de acusação de crime ambiental relativo ao depósito, nas galerias das antigas minas de carvão de São Pedro da Cova, de toneladas de poeiras tóxicas provenientes da Siderurgia Nacional da Maia, aquando do fecho da mesma, em 2001, o ano em que todas as luzes estavam voltadas para esse acontecimento importante na história da dinamização cultural, social e económica da cidade do Porto: a Capital Europeia da Cultura.

Nessa data, afastado de todos os palcos, afiançava-se que os detritos ali colocados não representariam qualquer problema para a saúde pública – seria então por isso que eram despejados na calada da noite? Hoje, pergunto-me: estará a água daquelas terras, que flui também para outras, contaminada? As hortas, que haverá por ali, que percentagem de chumbo terão? Das doenças resultantes da exposição ao chumbo, mas tão difíceis de provar que estão diretamente ligadas à exposição a este material – hipertensão, AVC, entre outras tão correntes nos tempos atuais –, haverá algum estudo em curso acerca das suas causas, relacionadas com eventuais consequências da exposição aos detritos tóxicos? As responsabilidades, com esta prescrição em tribunal, de que forma podem ser apuradas, mesmo se for somente na forma de tomada de consciência e vergonha, singular e coletiva, pela perpretação de atos como estes?

Para além destas perguntas, para as quais não há resposta no momento em que termino este texto, surgem outras, ainda mais cáusticas. Por exemplo, que melhor lugar para colocar, sem autorização nem preparação, tanto lixo tóxico do que numa terra já esventrada pelo trabalho mineiro entre o século XVIII e o início da década de 70 do século XX, quando se fecharam as minas e abandona-

ram as galerias? Que melhor lugar do que esse onde – escutando as palavras narradas por André Amálio num encontro preparatório desta peça, no Porto, com um dos funcionários de nível superior da Companhia das Minas – vivia a “arraia miúda”, aquela que sempre serviu de combustível, tal como o carvão, a todas as fogueiras de vaidades? É parte da história destas pessoas, relacionada com a vida na mina, que a companhia Hotel Europa põe em cima do palco. É o lugar do coro no teatro: a entrada em cena dos que, até então, não eram protagonistas. É também parte da história de um crime ambiental não discutido, não trazido a público, e por isso invisibilizado. É o teatro como lugar onde essas camadas escondidas da história, tal como aconteceu em peças anteriores da Hotel Europa, são trazidas ao palco e, por isso, inscritas na história e na consciência do presente. Sublinho em particular todo o trabalho que esta companhia desenvolveu em torno da história da descolonização, com o arquivo construído com a recolha de história oral, documentos impressos, filmicos, numa trilogia de teatro documental que surge motivada pelo silêncio então sentido em torno dessa parte da nossa História ainda não contada nas escolas e que tanto ainda tem para dizer. Em *A Mina*, o documentário surge também e o trabalho sobre a memória vai-se cruzando com o da pós-memória, dos netos e dos filhos que já não trabalharam nas minas, mas cujas vidas estão impregnadas pela sua vivência. Cruza-se também com receios sobre o futuro, de quem brincou, sem saber da toxicidade, nos detritos: “Posso ter bebido essa água, não sei.”

André Amálio, em palco, é o narrador e o condutor do fio da história que nos é contada através de filmes, registos documentais e por antigos trabalhadores, filhos e netos. Sem respeitar a ordem

pela qual entram em cena, são mostrados excertos de uma reportagem da TVI que, em 2010, revelava o então já considerado maior aterro clandestino em território português. Há documentação do atual Museu Mineiro, entre a qual uma grande maquete da mina e do seu “cavelete”, e da “jaula”, por onde se transportava, entrando e saindo do interior da terra, carvão, animais e pessoas; o elétrico que, na altura, ligava São Pedro da Cova à zona portuária da cidade do Porto. Há um filme, do realizador Rui Simões, que documenta o movimento revolucionário mineiro aí criado durante o PREC – Processo Revolucionário em Curso e o surgimento de um dos bairros do SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local, que nos primeiros anos de democracia, por todo o país, juntou moradores, técnicos e arquitetos para a construção de bairros dignos de se viver. Havia também a dignidade de se poderem exprimir: surge a história do grupo de teatro O Círculo; das festas e intervenções musicais; da participação popular; da criação de bandas; de campanhas de alfabetização. Histórias daquela que “era uma força desconhecida que movia aquela gente toda”, como refere uma das intervenientes neste processo, em testemunho dado através de uma gravação vídeo. Há também um filme de propaganda de 1917, relativo ao trabalho nas minas de São Pedro da Cova, pertencente ao arquivo da Cinemateca Portuguesa, onde se pretendia mostrar as boas condições de trabalho, e serviços como a cantina, o serviço médico, a farmácia, a escola, as casas oferecidas aos trabalhadores... Em contraponto com as imagens deste filme, os antigos trabalhadores vão contando a sua história: de casas sem condições e cujo usufruto forçava a que todos os membros da família – homem, mulher, filhos nascidos e filhos por nascer – se tornassem trabalhadores da mina; do médico que não tratava; de alimentos que faltavam; do duro trabalho de esventrar a terra, tanto para os corpos dos trabalhadores como para o lembrado cavalo Leal, que travava sempre que a carga lhe parecia injusta, e que poderia ser o cavalo de um filme de Béla Tarr.

No ensaio a que assisti, Tereza Havlíčková verificava os passos, as entradas e saídas dos atores-mineiros, antigos trabalhadores entre os 70 e os 83 anos. Eles entram em palco num lento caminhar marcado pelo pulsar de um tambor, repetitivo, como eram repetitivos os gestos das britadeiras, picadores, vagoneiras, enchedores... Profissões de que nos vamos esquecendo, ou de que nunca soubemos os nomes. Ao lado do músico que intervém nesta peça, existem instrumentos de percussão: roldanas, baldes de estanho, correntes. Aprendemos também sobre os objetos e a sua utilidade: o gasómetro, para iluminar a galeria a escavar; os capacetes de metal; a tabaqueira, um lenço que se levava ao pescoço para proteger do pó de carvão e limpar o suor; a picareta; a cafeteira de chá que servia também, no retorno a casa, para trazer o carvão interdito aos trabalhadores, mas que lhes permitia sustentar os braseiros com os quais cozinhavam e se aqueciam; a rodilha, a giga, a vagona e a gadanha. Objetos-memória, também eles. Palavras que são uma espécie de arqueologia industrial e que nos transportam para gestos como os de limpar, picar ou britar, feitos por mulheres que partiam o carvão em pequenos pedaços, de joelhos, por homens que levantam a pá com que

enchiam os vagões, ou a forma como o corpo treme a cada ataque da picareta às paredes da mina. Palavras e gestos que relembram a entrega do café, que por vezes chegava frio, o trabalho sem parar, o tempo para enrolar o cigarro e descansar, os ratos que comiam a broa e o bacalhau. Os gestos de uma vida debaixo da terra, primeiro descalços, depois de galochas.

Os passos dos atores não são uma marcha. São um passo lento que pisa a terra, um passo de relação com a terra. Um lento caminhar no qual se juntam corpos de 24, 30, 34, 71, 80, 83 anos... Mineiros, filhos de mineiros, netos de mineiros, irmãos e irmãs de mineiros, maridos e mulheres de mineiros. Por isso, por esta rede familiar, de proximidade, existem em *A Mina* histórias de amor, de bailes, da avó cobiçada, do avô maltês (o nome que se dava aos trabalhadores solitários que vinham de outras terras), de casais que se formaram com uma piscadela de olho e um sorriso, das gravidezes surpresa, do médico que responde, perante a proximidade da morte de um filho, “vai para casa, se ele morrer, tu ainda ficas com muitos”, do mineiro que esmagou o dedo para poder ter 15 dias de descanso que lhe permitiram curar uma constipação. Histórias de desnutrição de filhos cujas funções cognitivas foram afetadas e de falsos pintassilgos que se trocavam por comida. De familiares que se recordam da dificuldade em respirar dos seus próximos, ou deles mesmos, resultado da doença da silicose, causada pela inalação de poeira de sílica (quartzito), que transforma os pulmões em pedra de carvão. O direito a respirar nunca foi de todos. Da silicose à vida de 1, 2, 3, 15, 20 anos ao lado de resíduos tóxicos: talvez seja esse o precedente que determinou a escolha de transformar aquela terra esventrada em lixeira tóxica. Histórias também de quem tenha fugido do país a salto e recusado a mina.

Há quem continue a recusar as minas e peça para que imaginemos mais, inventemos mais, saíamos de vez do paradigma de extração que tem pautado a nossa relação com o planeta Terra e com as pessoas. Numa época em que se projetam um pouco por todo o país novas minas, desta vez não de carvão mas de lítio, para novas tecnologias e novas revoluções industriais consideradas mais verdes, é urgente trazer estas histórias sobre o impacto ambiental e social da atividade extrativa. Para que não fiquem perdidas, para que se inscreva a vontade de não repetir o passado e para que o inventário de gestos, objetos e memórias possa vir a ser, predominantemente, de cuidados.

“Era eu que lavava as costas ao meu pai”: há em *A Mina* uma cena em que os atores, dois a dois, limpam o corpo enegrecido do mineiro. Gesto quotidiano do regresso a casa. A cena é coreografada, mas os gestos do casal de mineiros, que vivem juntos há 58 anos, são mais densos, mais consistentes. São mãos que não precisam de aprender a coreografia, que sabem de cor o gesto diário de desincrustar o pó do carvão que se aloja nos poros da pele do corpo e não a deixam respirar. Mãos nodosas que sabem agarrar a toalha, ou o trapo, com que esfregam as costas do outro. Mãos que sabem cuidar.



FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA EUNICE BASTO DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA DIREÇÃO DE CENA CÁTIA ESTEVES LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES, MARCELO RIBEIRO, RAFAEL FRANÇA MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, PAULO FERREIRA, NUNO GUEDES SOM JOÃO OLIVEIRA VÍDEO HUGO MOUTINHO

APOIOS TNSJ

Castanheira pedras&péssegos

APOIOS À DIVULGAÇÃO

COMBOIOS DE PORTUGAL Protec Jornal de Notícias M STCP rádio e tv

AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

A COMPANHIA HOTEL EUROPA É UMA ESTRUTURA FINANCIADA POR

REPÚBLICA PORTUGUESA dgARTES

EDIÇÃO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

COORDENAÇÃO FÁTIMA CASTRO SILVA
FOTOGRAFIA JOÃO TUNA
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO
IMPRESSÃO GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA.

APOIOS COMPANHIA HOTEL EUROPA

KALE COMPANHIA DE DANÇA/ARMAZÉM22

AGRADECIMENTOS COMPANHIA HOTEL EUROPA

TUDO FAÇO - AMÉRICO CASTANHEIRA, LUISA GARCIA

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

criação, dramaturgia,
interpretação
ANDRÉ AMÁLIO

cocriação, movimento
TEREZA HAVLÍČKOVÁ

criação musical
e interpretação
EDISON OTERO

interpretação e cocriação
**FLORINDA SANTOS SOUSA, MARIA
DOS SANTOS VICENTE, MARIA GAMA,
JOSÉ SOUSA, JOSÉ GASPAR FERREIRA,
SERAFIM RAMOS, DANIEL VIEIRA,
PATRÍCIA LIMA, VILMA LIMA, CARLA
PONTES MONTEIRO, EDUARDA BENTO,
RAFAEL MAGALHÃES, BRUNA ROCHA,
MÁRIO SÁ, MARTA SALAZAR**

direção do coro
GUILHERMINO MONTEIRO

coro vox populi (e convidados) da
escola secundária de São Pedro da Cova
**ABEL ALVES, ALBERTO LOPES, ANA
ULISSES, CARLA PONTES MONTEIRO,
INÊS SALSELAS, JOÃO MESQUITA, LUÍS
DIEGO, OLGA MARTINS, MANUELA SANTOS,
RUI MENDES, TERESA QUEIRÓS**

TEATRO CARLOS ALBERTO
ESTREIA 15-19 JUNHO 2022
QUA-SAB 19:00 DOM 16:00

A MINA

DIREÇÃO ARTÍSTICA ANDRÉ AMÁLIO E TEREZA HAVLÍČKOVÁ

DIREÇÃO SOCIAL
HELDER NOGUEIRA

CENOGRAFIA
AURORA DOS CAMPOS

DESENHO DE LUZ
E DIREÇÃO TÉCNICA
JOAQUIM MADAÍL

FIGURINOS
CLÁUDIA RIBEIRO

VÍDEO
MARTA SALAZAR

PRODUÇÃO EXECUTIVA
MARIA MIGUEL COELHO

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO
MÁRIO SÁ

ASSISTÊNCIA DE CENOGRAFIA
MARIANA MORAIS

ASSISTÊNCIA DE FIGURINOS
**TERESA DIAS, MARIA EUGÉNIA
CAVAGIONNE**

EQUIPA DE APOIO TÉCNICO
**LÍDIA SILVA
RAQUEL RODRIGUES**

ESTAGIÁRIA
BRUNA ROCHA

PRODUÇÃO
COMPANHIA DE TEATRO HOTEL EUROPA

COPRODUÇÃO
**FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
E FUNDAÇÃO "LA CAIXA", ATRAVÉS DO
PROGRAMA PARTIS & ART FOR CHANGE,
CÂMARA MUNICIPAL DE GONDOMAR,
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO**

PARCEIROS
**UNIÃO DE FREGUESIAS DE FÂNZERES
E SÃO PEDRO DA COVA, CENTRO SOCIAL
DO SOUTELO, ESCOLA PROFISSIONAL
DE GONDOMAR, ASSOCIAÇÃO ESTRELAS
DE SILVEIRINHOS, ESCOLA SECUNDÁRIA
SÃO PEDRO DA COVA, ASSOCIAÇÃO
VAI AVANTE**

DUR. APROX.
1:30
M/12 ANOS

O TNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

